

A SALA DE AULA EM TEMPOS DE DESINFORMAÇÃO: NEGACIONISMO VACINAL E CIENTÍFICO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

LUIZA DE OLIVEIRA MACIEL¹; CARLOS EDUARDO SILVA FERREIRA²; LUAN LUCAS VALINS DA SILVEIRA³; ALESSANDRA GASPAROTTO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – oliveiramlu@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – cadu.services96@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – luanvalins@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – sanagasparotto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho busca apresentar e discutir a pesquisa intitulada Projeto de Pesquisa e Extensão sobre Negacionismos na Educação Básica. Iniciada em 2023, a investigação surge no contexto programático de projetos consolidados pelo Programa de Educação Tutorial – Diversidade e Tolerância (PET-DT) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O estudo insere-se em uma perspectiva interdisciplinar, na medida em que concentra seus esforços em compreender o fenômeno do negacionismo em suas múltiplas interseccionalidades, que atravessam diferentes áreas científicas (RECH; REZER, 2020).

A questão central deste trabalho é entender como o negacionismo permeia o cotidiano escolar. Para isso, o negacionismo será analisado não apenas como a negação da realidade (BARTELMEBS et al., 2021), mas também como um fenômeno que articula sistemas de verdade, misturando elementos factuais com afirmações falsas para sustentar suas próprias narrativas (NAGUMO et al., 2022; SPINELLI; SANTOS, 2020; ESQUINSANI, 2022). O trabalho justifica-se pela relevância que essa problemática assume ao interferir em diferentes camadas da sociedade, especialmente evidenciada no período pandêmico iniciado em 2020, quando a disseminação de desinformação se intensificou, repercutindo social e politicamente (NAGUMO et al., 2022; PIVARO; JUNIOR, 2022).

O negacionismo, inicialmente associado à negação de fatos históricos, evoluiu e se tornou um fenômeno mais complexo e acentuado. Se a divulgação de notícias falsas sempre existiu, seu uso deliberado para fundamentar debates políticos, científicos e sociais, e para propor políticas públicas é um fenômeno mais recente, marcado pelo desprezo por evidências e pela criação de realidades opostas (BARTELMEBS et al., 2021; ESQUINSANI, 2022). Nesse contexto, o conceito de pós-verdade descreve um ambiente em que apelos à emoção e a crenças pessoais têm maior influência na formação da opinião pública do que os fatos objetivos (NAGUMO et al., 2022). A ascensão global do conservadorismo de ultradireita também fortaleceu a negação de conceitos e teorias científicas consensuais.

Para aprofundar a compreensão desse fenômeno e suas manifestações contemporâneas, os pesquisadores tiveram a oportunidade de participar de uma formação, iniciada em 15 de abril de 2023, sobre o trabalho de doutorado do professor Felipe Alves Pereira Ávila. A pesquisa dele também se debruça sobre o revisionismo e o negacionismo em plataformas digitais, serviu como um alicerce conceitual essencial para a equipe, auxiliando-a a refinar a lente analítica com a qual passariam a abordar o próprio tema.

Essa base teórica sólida, aliada às discussões coletivas do Dicionário dos Negacionismos no Brasil, de José Szwako e José Luiz Ratton, solidificou a fundamentação da pesquisa. Ao confrontar as percepções e aprofundar a análise crítica, estabeleceu-se o ponto de partida para o trabalho a ser desenvolvido. Esses estudos indicam que o negacionismo fragiliza não apenas a ciência, mas também a

formação cidadã e o processo de ensino-aprendizagem, um impacto ainda pouco explorado na Educação Básica.

Diante disso, a pesquisa busca identificar quais discursos negacionistas circulam nas escolas, analisar como os professores percebem seus efeitos em sala de aula e, por fim, propor formações que colaborem para a compressão. Iniciada em 2023, a pesquisa já passou por etapas de debate e formação interna. Em 2024, a equipe elaborou os questionários para professores do Ensino Fundamental e Médio, e a análise dos dados ocorreu em 2025. Esperamos produzir efeitos para ações extensionistas que ajudem a escola a enfrentar o negacionismo, fortalecendo seu papel na formação científica e democrática dos alunos.

2. METODOLOGIA

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa maior, vinculada ao projeto de pesquisa sobre discursos negacionistas na educação básica de ensino desenvolvido no PET DT. O início do projeto foi marcado por formações e aproximações com o tema; no primeiro momento, o conceito de negacionismo foi apresentado e discutido a partir do Dicionário de Negacionismos (2022) e identificou-se as percepções iniciais dos integrantes do PET sobre o assunto. Formações mais direcionadas – com leituras acadêmicas, trocas com professores convidados e estudos sobre a temática – foram aplicadas ao grupo de trabalho responsável pelo projeto, a fim de criar uma base de conhecimento e teoria sólida aos pesquisadores.

Após o aprofundamento teórico, utilizou-se orientações metodológicas com base na literatura sobre questionários digitais em estudos acadêmicos para elaboração do instrumento de pesquisa (MOTA, 2019). Assim, foi desenvolvido um questionário online na plataforma Google Forms¹, composto por questões abertas e fechadas que busca identificar quais discursos com viés negacionista surgem nas práticas de ensino, como aparecem e de que forma os(as) educadores(as) lidam com eles. A divulgação tem ocorrido por meio das redes sociais do PET DT, contatos institucionais e cartazes colados em espaços da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e em locais públicos da cidade, especialmente nos *campus* de faculdades relacionadas ao público-alvo.

A amostra da pesquisa é composta por 70 docentes da Educação Básica, majoritariamente mulheres, com idades entre 22 e 69 anos. A maioria atua em instituições de ensino localizadas em áreas urbanas de Pelotas e região, com jornadas de trabalho que frequentemente ultrapassam 40 horas semanais, distribuídas entre diferentes turmas e escolas. Esse cenário proporciona uma vivência ampliada de contextos escolares diversos, o que favorece o contato com distintas manifestações de discursos negacionistas. No que se refere à formação acadêmica, os(as) participantes apresentam trajetórias variadas, com destaque para as áreas de História, Pedagogia, Letras, Matemática e Biologia. Ressalta-se ainda que mais de 90% dos respondentes possuem formação em nível de pós-graduação.

Em relação à localização geográfica, a maior parte dos participantes está vinculada ao estado do Rio Grande do Sul, especialmente aos municípios de Pelotas, Porto Alegre, Rio Grande, Capão do Leão e Tupanciretã. No entanto, também há respondentes de outros estados, como Santa Catarina, Paraíba e Rio de Janeiro, contribuindo à diversidade regional contemplada pela pesquisa.

Os dados coletados estão sendo analisados de forma qualitativa e quantitativa. Assim, após a leitura detalhada das respostas, identificou-se os principais eixos temáticos dos discursos que surgem, se repetem e comumente se dissipam nas salas de aula. Dada a ampla presença de relatos relacionados ao negacionismo na área da saúde, este trabalho apresenta um recorte da pesquisa geral, com foco no

¹ <https://forms.gle/Tzg19QkhRUznR6caA>

negacionismo sobre a vacinação, visto a importância do tema para a formação social e educacional da população como um todo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa confirmou que o negacionismo vacinal é um dos maiores desafios nas escolas. Muitos professores relataram que a eficácia e a segurança das vacinas são constantemente questionadas por alunos e suas famílias, principalmente durante as campanhas de imunização. Surpreendentemente, alguns educadores também admitiram terem sido vítimas de fake news sobre o tema, ressaltando a dificuldade de distinguir fatos de conteúdo enganoso. Essa resistência tem um impacto direto na saúde pública, pois a desinformação se espalha rapidamente por redes sociais e grupos de conversa, sendo levada para dentro do ambiente escolar pelos próprios estudantes. Quando questionados, 50% dos docentes afirmaram que a desinformação ocorre com frequência, enquanto 37,1% a percebem ocasionalmente. A vacinação foi apontada como o principal tema de discórdia para mais de 42% dos professores, e 57,1% deles já ouviram em sala de aula frases como “as vacinas não são seguras”. O problema não se limita à saúde.

A desinformação impacta o ensino de conteúdos científicos mais amplos, como a negação do aquecimento global e da evolução. 47,1% dos educadores já enfrentaram resistência dos alunos ao abordar esses assuntos. Essa resistência discente é o principal obstáculo no combate ao negacionismo para 52,9% dos participantes, o que comprova como a desinformação interfere no aprendizado e enfraquece a autoridade do professor. A pesquisa também apontou que as redes sociais são o principal canal de difusão de desinformação para 84,3% dos docentes. Isso dialoga com o cenário nacional, onde o Ministério Público Federal atribui à disseminação de notícias falsas uma queda de cerca de 75% nos índices de imunização desde 2016. A situação se agravou na pandemia, e em Pelotas, por exemplo, dados da Prefeitura Municipal² apontam que apenas 43,9% do grupo prioritário foi vacinado contra a gripe até julho de 2025, evidenciando que a resistência se concentra justamente nos grupos mais vulneráveis, mesmo com a cobertura total da cidade sendo superior.

A falta de apoio institucional é uma barreira evidente. Apenas 23,5% dos professores se sentem preparados para combater o negacionismo e só 14,3% participaram de alguma formação específica sobre o assunto. Essa carência de suporte fez com que 67,1% dos docentes pedissem por orientação e estratégias pedagógicas, e 57,1% solicitassem materiais didáticos para lidar com a desinformação em sala de aula.

Em perspectiva mais ampla, os dados evidenciam que a desinformação não afeta apenas o espaço escolar, mas está diretamente relacionada à queda das coberturas vacinais no país. O Ministério Público Federal aponta que, desde 2016, os índices de imunização recuaram em cerca de 75%, comprometendo vacinas como a da febre amarela, do HPV e, de maneira mais expressiva, a da COVID-19 durante a pandemia (CUNHA, 2020). A disseminação em larga escala de teorias conspiratórias e notícias falsas nesse período reduziu a confiança da população nos programas públicos de vacinação. Esse cenário reforça uma preocupação central: a imunização coletiva é indispensável para conter doenças transmissíveis, e quando a cobertura vacinal cai, abre-se espaço para a volta de enfermidades já controladas. HOMMA et al. (2023) alertam que o Brasil já enfrenta a reintrodução do sarampo e corre risco de ver a poliomielite reaparecer. Assim, a hesitação vacinal deixa de ser uma escolha individual e se torna um problema coletivo, que afeta especialmente grupos mais vulneráveis, como crianças, idosos e pessoas imunossuprimidas.

²<https://www.pelotas.com.br/noticia/prefeitura-alerta-para-a-baixa-procura-por-vacinacao>
<https://www.pelotas.com.br/noticia/pelotas-atinge-4644-de-vacinacao-dos-grupos-prioritarios>

Os professores também chamaram atenção para o fato de que o negacionismo não se restringe às vacinas. Questões como a negação do aquecimento global, da evolução biológica e de episódios históricos também emergem nas salas de aula. Além disso, relativizações em torno do racismo e das desigualdades de gênero foram mencionadas, revelando que a desinformação e o revisionismo histórico estão presentes em diferentes campos do conhecimento, conectando-se a um quadro mais amplo de ataques à ciência e à memória social.

4. CONCLUSÕES

Diante dos resultados, fica evidente que o negacionismo, em especial o vacinal, atravessa a rotina escolar e impõe desafios que ultrapassam a esfera pedagógica, alcançando também a saúde pública. Ao mostrar como os docentes vivenciam esses discursos em sala de aula e como a desinformação circula entre estudantes e famílias, a pesquisa evidencia a escola como um espaço crucial para o enfrentamento desse fenômeno. A relevância do estudo está justamente em articular dois campos que, embora distintos, se complementam: educação e saúde. Essa aproximação aponta para a urgência de políticas de formação continuada e de estratégias institucionais capazes de fortalecer o pensamento crítico e a leitura qualificada da informação. Assim, iniciativas que integram ensino, pesquisa e extensão mostram-se fundamentais para ampliar a confiança social na ciência e para sustentar respostas coletivas diante dos efeitos do negacionismo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHIESA BARTELMEBS, Roberta; VENTURI, Tiago; DE SOUSA, Robson Simplicio. Pandemia, negacionismo científico, pós-verdade: contribuições da Pós-graduação em Educação em Ciências na Formação de Professores. **Revista Insignare Scientia - RIS**, Brasil, v. 4, n. 5, p. 64–85, 2021. DOI: 10.36661/2595-4520.2021v4i5.12564.
- CUNHA, W. T. FAKE NEWS: AS CONSEQUÊNCIAS NEGATIVAS PARA A SAÚDE DA POPULAÇÃO. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 44, n. 1, p. 81–102, 31 mar. 2020.
- SQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. Negacionismo, revisionismo e ausência: gênero e sexualidade, em Planos Municipais de Educação do Rio Grande do Sul. **Dialogia**, São Paulo, n. 41, p. 1-17, e22465, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/41.2022.22465>.
- HOMMA, A.; MAIA, M. L. S.; AZEVEDO, I. C.; FIGUEIREDO, I. L.; GOMES, L. B.; PEREIRA, C. V. C.; PAULO, E. F.; CARDOSO, D. B. Pela reconquista das altas coberturas vacinais. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 3, 2023.
- MOTA, J. S. Utilização do Google Forms na pesquisa acadêmica. **Revista Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 6, n. 12, 2019.
- NAGUMO, Estevon; TELES, Lúcio França; SILVA, Lucélia de Almeida. Educação e desinformação: letramento midiático, ciência e diálogo. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 24, n. 1, p. 220-237, jan./abr. 2022. DOI: <https://doi.org/10.20396/etd.v24i1.8665292>
- PIVARO, Gabriela Fasolo; GIROTTO JÚNIOR, Gildo. Qual ciência é negada nas redes sociais? Reflexões de uma pesquisa etnográfica em uma comunidade virtual negacionista. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 435-458, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22600/1518-8795.ienci2022v27n1p435>
- RECH, Júlia; REZER, Ricardo. A interdisciplinaridade como fenômeno complexo: em defesa de sua instabilidade conceitual. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, Mossoró, v. 6, n. 17, 2020.
- SPINELLI, E. M.; SANTOS, J. de. A. Alfabetização Midiática na era da desinformação. **ECCOM: Educação, Cultura e Comunicação**, v. 11, n. 21, 2020.
- SZWAKO, José; RATTON, José Luiz (org.). **Dicionário dos Negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022.